

ARTE PARANAENSE: AS ARTES VISUAIS NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL (1960-1970)

Rosane Adele Camilotti Queluz¹

Dulce Regina Baggio Osinski²

INTRODUÇÃO

A necessidade de conhecimento reflexivo sobre a Arte Paranaense no contexto escolar foi o principal motivo que levou à elaboração de um projeto de pesquisa e implementação na escola, dentro do Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná, experiência que será refletida neste artigo.

A Arte Paranaense é um dos conteúdos propostos nas Diretrizes Curriculares, mas é pouco conhecida dos estudantes, sua abordagem limitando-se ao conhecimento de alguns artistas. O aprofundamento no conhecimento da produção artística em nosso Estado é importante para que este conteúdo tenha maior visibilidade na prática pedagógica.

No contexto atual, um aspecto a ser ponderado é que com a mídia e a tecnologia cada vez mais presentes no dia a dia, as distâncias, o tempo e o espaço têm outra dimensão. Muitas vezes conhecemos ou temos mais informações sobre o que está distante fisicamente do que sobre o que está ao nosso redor. Na arte, temos a indústria cultural, responsável pela produção e difusão em larga escala de formas artísticas pela grande mídia, transformando-as em mercadorias para o consumo de um grande número de pessoas. Como a mídia em suas diversas formas está fortemente presente na vida da população, facilmente passa a definir padrões de conduta e pensamento. Assim influencia a formação, o gosto e o consumo em relação à arte. Frente a essa realidade, é de grande importância que o trabalho com

¹ Professora da Rede pública do Estado do Paraná; Especialização em Fundamentos do Ensino da Arte pela Faculdade de Artes do Paraná; Licenciatura em Artes Plásticas pela mesma faculdade; rosaneacq@gmail.com

² Orientadora; Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal do Paraná; dulceosinski@ufpr.br

a arte na escola possibilite que os estudantes conheçam a produção artística local e regional, que fica sufocada e tem sua visibilidade prejudicada pela indústria cultural. Compreende-se ser imprescindível considerar a diversidade da cultura regional como referencial para dialogar com o conhecimento estético e artístico do estudante, a qual pode também ser referência para o conhecimento da produção artística nacional e internacional.

Outra questão a ser pensada é a existência de toda uma produção artística, acessível em museus, galerias e outros espaços, mas que demanda uma mediação por parte do professor, da Escola e do Estado, para que sejam viabilizadas ações educativas que incluam o processo de visitação como uma possibilidade de conhecer, apreciar e refletir sobre arte.

Diante da necessidade de aprofundamento do conhecimento sobre a produção artística paranaense e também da reflexão sobre o que   possível articular entre as áreas da disciplina de Arte (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança), intencionou-se fazer um levantamento das manifestações artísticas no Paraná, nas décadas de 1960-1970. Partindo das Artes Visuais e estendendo-se, dentro do possível, às outras áreas da Arte, procurou-se compreender o contexto histórico e cultural em que foram produzidas. As Artes Visuais tiveram ênfase por ser esta a área de formação da autora desse projeto.

A opção pelas décadas escolhidas se justifica pelo fato de esse período apresentar questões fundamentais para a compreensão da arte contemporânea. Os anos sessenta foram marcados por grandes transformações, quando o ideário modernista entra definitivamente no cenário artístico local, tendo sido travados muitos embates est ticos e políticos que acabaram por contribuir para a abertura cultural das artes em nosso Estado.

O objetivo foi contribuir, através do estudo da Arte Paranaense, para uma educação escolar em arte que permita aos estudantes um aprofundamento de seus conhecimentos artísticos e est ticos, ajudando a construir um projeto educativo que busca melhorar a qualidade do ensino nas escolas públicas paranaenses. Estabeleceu-se objetivos específicos como forma de orientar e organizar as a es, sendo eles: conhecer a produção artística no Paraná no período em questão, contextualizada histórica e culturalmente; caracterizar essa produção nas Artes

Visuais e possíveis relações com as diferentes áreas da Arte; mapear e selecionar artistas que ilustrem as tendências da produção artística desse período; incorporar na prática pedagógica os saberes apreendidos e refletidos, através de metodologia que proporcione aos estudantes a apreciação, a reflexão e o trabalho criador; produzir material didático pedagógico pertinente ao objeto de estudo, considerando a capacidade criativa e intelectual do estudante, e contribuindo para a construção e re-significação do conhecimento; produzir novas maneiras de perceber e interpretar a arte paranaense; socializar com os demais profissionais atuantes no espaço escolar, os estudos e as reflexões realizadas, através de atividades que propiciem a integração dos mesmos. Este projeto previu o trabalho colaborativo entre os profissionais da rede de ensino, através do Grupo de Trabalho em Rede (GTR), com o propósito de reflexão e troca de experiências.

O projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual Romário Martins, situado no município de Piraquara, no centro da cidade. Além dos estudantes que moram próximos, atende outros vindos de bairros vizinhos. O trabalho realizou-se com cinco turmas de oitava série no período da manhã, envolvendo aproximadamente 175 estudantes. Foi utilizado o tempo normal das aulas, durante um semestre. Somente as visitas ao museu foram realizadas no contra-turno.

A proposta foi embasada nas Diretrizes Curriculares de Arte para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2008), no que concerne à compreensão do papel da arte na sociedade e na escola. Em relação à Arte Paranaense, fundamentou-se em autores que contribuíram sob diferentes aspectos para a compreensão do contexto histórico e cultural e possibilitaram o estudo da produção artística. Com as autoras Araújo, Borges e Fressato foi possível mapear de forma sintética, a produção artística paranaense. Em Camargo encontrou-se referências para pensar de forma mais aprofundada a questão da abstração. Este autor realizou um estudo sobre a produção artística no início dos anos 60 no Paraná, marcada pela introdução e aceitação oficial das formas abstratas de expressão artística. Em Freitas encontrou-se subsídios para a compreensão de como os artistas plásticos se posicionaram frente ao poder repressivo do regime militar. Pelo diálogo com Trindade foi possível obter uma descrição sobre o panorama do Estado nos anos 60. Em relação à produção artística brasileira, recorreu-se a Canongia e Reis. Canongia realiza uma

síntese das principais questões que nortearam a arte nessas décadas, fundamentais para a instauração do espírito contemporâneo. Reis enfoca a relação entre a produção das artes plásticas e o contexto brasileiro após o Golpe Militar de março de 1964.

Desta forma este artigo se divide em três partes. A primeira aborda o referencial teórico que o embasa. Já a segunda, apresenta o material didático elaborado e o trabalho realizado em sala de aula e a terceira, algumas considerações tecidas a partir da reflexão do processo vivenciado.

ARTE PARANAENSE: AS ARTES VISUAIS NO CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL (1960-1970)

Nas Diretrizes Curriculares se considera que as diferentes formas de pensar a Arte e o seu ensino são constituídas nas relações socioculturais, econômicas e políticas do momento histórico em que se desenvolveram. Este documento contempla que o ensino da Arte deve se basear no conhecimento estético, que amplia os conhecimentos e experiências do estudante e o aproxima das diversas representações artísticas do universo cultural historicamente constituído pela humanidade. Para isso, o ensino da Arte deve apoiar-se num processo de reflexão sobre a finalidade da Educação, os objetivos específicos desta disciplina e a coerência entre tais objetivos, os conteúdos programados e a metodologia proposta. Pretende-se que os estudantes adquiram conhecimentos sobre a diversidade de pensamento e de criação artística para expandir sua capacidade de criação e desenvolver o pensamento crítico.

Ao trabalhar a Arte enquanto disciplina escolar é necessário refletir sobre o papel que ela ocupa na vida do ser humano. Entende-se a arte como um fazer humano que tem forma e significado próprios dentro da cultura em que é produzida. Assim compreendida, não é possível se ter um conceito fechado sobre ela.

Diante de tal complexidade, nas Diretrizes Curriculares a arte é abordada a partir de dois campos conceituais: o conhecimento estético, relacionado à apreensão

do objeto artístico como criação de cunho sensível e cognitivo, e o conhecimento da produção artística, relacionado aos processos do fazer e da criação. No processo da criação das obras considera-se o artista desde suas raízes históricas e sociais, as condições concretas que subsidiam a produção, o saber científico e o nível técnico alcançado na experiência com materiais; bem como o modo de disponibilizar a obra ao público, incluindo as características desse público e as formas de contato com ele, próprias da época da criação e divulgação das obras, nas diversas áreas como artes visuais, dança, música e teatro.

Referenciada nestes campos conceituais, a construção do conhecimento em Arte se efetiva na relação entre o estético e o artístico, materializada nas representações artísticas. Esses campos conceituais, apesar de suas especificidades, são interdependentes e articulados entre si, abrangendo todos os aspectos do conhecimento em arte.

O enfoque dado ao ensino da Arte na Educação Básica funda-se nas relações entre arte e sociedade. Neste sentido, são abordadas as concepções *arte como ideologia*, *arte com forma de conhecimento* e *arte como trabalho criador*, tendo como referência o fato de serem as três principais concepções de arte no campo das teorias críticas, as quais têm no *trabalho* sua categoria fundante. Assim, compreende-se que o ser humano transformou o mundo construindo simultaneamente a história, a sociedade e a si próprio através do processo do trabalho que constitui o universo simbólico composto pela linguagem, pela filosofia, pelas ciências e pela arte, construindo, desta forma, algo exclusivamente humano: o mundo da cultura. Entende-se cultura como toda produção humana resultante do processo de trabalho, que envolve as dimensões artística, filosófica e científica do fazer e do conhecer.

Outro conceito importante a ser explicitado é o de obra de arte. No documento referenciado, considera-se que toda produção humana, inclusive a artística, é “parte da estrutura social e expressão da produtividade social e espiritual do homem” uma totalidade estruturada e complexa cujos elementos “ideológicos, temáticos, de composição, de linguagem”, são interligados na unidade dialética. (KOSIK, 1976). Assim, a compreensão dialética reafirma os vínculos da obra com a realidade,

reconhece a subjetividade do autor e supera a fragmentação histórica do conceito de Arte.

As Diretrizes devem apontar, para os professores da área, formas efetivas de levar o estudante a apropriar-se do conhecimento em arte, que produza novas maneiras de perceber e interpretar tanto os produtos artísticos quanto o próprio mundo. Nesse sentido, educar em arte é possibilitar um novo olhar, um ouvir mais crítico, um interpretar da realidade além das aparências, com a criação de uma nova realidade, bem como a ampliação das possibilidades de fruição.

O foco deste trabalho foi a Arte Paranaense, um dos conteúdos propostos nas Diretrizes Curriculares. Diante da necessidade e tendo como motivação a vontade de conhecer e refletir de forma mais profunda sobre a arte produzida em nosso Estado, pesquisou-se autores que contribuíram sob diferentes aspectos para a compreensão do contexto histórico e cultural e possibilitaram o estudo da produção artística nas décadas de 1960-1970.

Para que o projeto se desenvolvesse satisfatoriamente, considerou-se importante traçar um panorama do referido período. As autoras Borges e Fressato (2008, p. 33), ao se referirem aos anos 60, os caracterizam como uma década efervescente de idéias e de atitudes. No que diz respeito ao Brasil, apontam o país mergulhado em graves problemas políticos. Em março de 1964 os militares assumiram a Presidência da República, instaurando um período de medo, repressão e tortura. No Paraná, o engajamento ao regime militar dos principais líderes políticos, inclusive do governador Ney Braga, deu a impressão de um ano aparentemente tranqüilo. Ao assumirem o poder, os militares retomam a política desenvolvimentista de JK. Empreendem uma série de medidas, visando à estabilidade econômico-financeira, mas estas provocaram a falência de várias empresas e o empobrecimento econômico e cultural da população. No entanto, a economia nacional entrou numa fase de acentuado desenvolvimento, o denominado “milagre brasileiro” (1969-1973), que de forma geral beneficiou as classes alta e média.

No campo das artes, internacionalmente o período foi marcado por uma revolução na maneira do artista se expressar. As expressões artísticas mais “tradicionais”, como a pintura e a escultura, passaram a ser questionadas. Estavam

presentes a abstração gestual e a nova figuração. A pop-art e o neo-realismo, metaforicamente, faziam vir à tona a crítica de uma sociedade massificada. Essas tendências chegariam ao Brasil e inevitavelmente ao Paraná. No contexto brasileiro de repressão político-ideológica, apesar das perseguições e do medo constantes, artistas e intelectuais, muito longe de ficarem calados, reagiram com rebeldia obstinada. No Paraná, Estado considerado pelo senso comum como ordeiro e pacato, muitos jornalistas, estudantes, intelectuais e artistas foram fichados pelo DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social) e colocados sob suspeita pela polícia política. Foram anos marcados por uma intensa produção e difusão de bens culturais: entre 1964-1968, mais preocupados com os ativistas políticos e com as organizações populares, o governo militar possibilitou um relativo espaço de liberdade de criação para os artistas e intelectuais. Porém, a partir de 1968, essa liberdade teve fim. Músicos, poetas, cineastas, dramaturgos, enfim, um grande número de artistas passou a ter suas obras vigiadas e censuradas. Muitos chegaram a ser presos e exilados. Mas nem as prisões, nem as torturas, nem os exílios calaram os artistas. Em 1963, foi criado o Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP. Em 1965, no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, ocorreu a Mostra Opinião, que foi marcada por temas políticos e proposições de vanguarda. Os trabalhos, centralizados no interesse pelo homem e pela sociedade trouxeram a arte para a vida. O ano de 1967 foi o auge da “arte engajada”. Em 1968 explodiu o Tropicalismo, síntese do radicalismo cultural, formado por uma variedade de opções estéticas e ideológicas. No cinema, Terra em transe, (1967) de Glauber Rocha, foi a sensação do ano, radicalizando as teses do Cinema Novo.

No campo das artes plásticas no Paraná, segundo as autoras, percebe-se uma continuação do movimento de renovação das décadas precedentes. Os anos 1960 concretizaram grandes mudanças: o ideário modernista passou a ganhar mais espaço, destacando-se a não-figuração. Isto ocorreu de forma mais gradual que em outras regiões do país, uma vez que o mercado consumista e o sistema político oficial mostravam-se conservadores e antipáticos às propostas experimentais. Em 1961, a indicação de Ennio Marques Ferreira para assumir a Diretoria do Departamento de Cultura da Secretaria da Educação e Cultura foi decisiva. O período coincide com os governos de Ney Braga e Paulo Pimentel, quando a arte

moderna e especialmente o abstracionismo passam a ser incentivados. Percebe-se que o incentivo político institucional foi importante nesse processo.

Nos anos 1970, começou uma mudança frente ao passado figurativo e andersista. Essa mudança viabilizada devido a alguns fatores, como a atuação das gerações anteriores e o aprimoramento dos meios de comunicação, que permitiram um contato maior e praticamente simultâneo com as diversas tendências nacionais e mundiais. Este período também foi marcado pelas vanguardas experimentalistas, como reação crítica ao poder oficial. Entre 1969 e 1974, anualmente aconteceram os *Encontros de Arte Moderna*, um projeto de Adalice Araújo, coordenado por ela e por Ivens Fontoura e organização do Centro Acadêmico Guido Viaro da EMBAP. Os *Encontros* foram responsáveis por colocar a contemporaneidade em discussão na arte paranaense e desenvolver as pesquisas mais vanguardistas e polêmicas. Foi nesse período que o desenho de humor ressurgiu com força no Paraná. Também na efervescência dos anos 1970, a cerâmica começou a criar um novo percurso, com os trabalhos de cerâmica artística conquistando um espaço que não existia. (BORGES E FRESSATO, 2008, p. 38-78).

Trindade (2001) descreve outros aspectos do contexto da época. A autora relata sobre a busca de integração ocorrida no Paraná nos anos 60. No início desta década, a economia paranaense mantinha ainda sua base econômica na agroindústria, apresentando, porém uma política de governo que agia de forma oposta ao que se fizera nos períodos anteriores, quando os pontos-chave da administração eram o povoamento e a colonização. Os governadores do novo período, Ney Braga e Paulo Pimentel, iriam considerar as correntes povoadoras que ocuparam todo o território paranaense como fator indesejável, por serem introdutoras da pequena propriedade e da policultura, agora consideradas obstáculos ao desenvolvimento do Estado. O tema da industrialização substituiu o da *vocação agrícola* do Estado e apresentava-se a necessidade da ampliação da infra-estrutura básica, sobretudo rodovias e energia elétrica. A ampliação da malha viária integrou o porto de Paranaguá e a capital ao Norte e, à medida que Curitiba tornou-se centro industrial de certa importância ao sul do país, estreitaram-se os seus laços econômicos com as diversas regiões do Estado e com São Paulo.

Outro aspecto é o avanço da cultura de massa. Sucedendo aos famosos *anos dourados*, a década de 1960 foi um momento de amadurecimento no Estado, em que as manifestações culturais refletiram os resultados da lenta caminhada empreendida pelas gerações anteriores. Nas artes plásticas, foi preciso que um grupo de artistas realmente empenhado em atualizar a produção paranaense lhe imprimisse novo vigor, afinando-a com o ritmo mundial. Entre esses inovadores estavam Fernando Velloso, Miguel Bakun, Fernando Calderari, Ênnio Marques Ferreira, Ivens Fontoura, Loio Persio, Nilo Previdi, Adalice Araújo e Paul Garfunkel. No mesmo ritmo, inscreviam-se os cursos internacionais de música do Paraná e os Festivais de Música de Curitiba reconhecidos como um dos grandes eventos culturais do país que colaborou, por duas décadas, para o melhoramento do ensino da música erudita e para a formação de profissionais da música em vários gêneros, instrumentos e estilos.

A literatura, sempre contando com autores como Dalton Trevisan, viu surgir nessa época um novo expoente com Paulo Leminski, poeta, prosador, letrista, jornalista, entre outras atividades. Nessa década, iniciou sua carreira na edição paranaense do jornal “Última Hora” e na revista do movimento concretista “Invenção”, quando travou contato com Augusto e Haroldo de Campos, e com Décio Pignatari. A partir de então, seguiu uma carreira brilhante e agitada que iria colocá-lo entre os maiores escritores de sua geração. Todavia, no Paraná, como em todo o mundo, a cultura de massas fazia cada vez mais concorrência com a literatura. E mesmo se o teatro paranaense continuava num movimento de renovação, estimulado com a criação de cursos teatrais que contavam com incentivo do governo, com a montagem de vários espetáculos, as grandes vedetes, a partir desse momento, seriam o cinema moderno e a recém-chegada televisão. Mas não foi em seu começo que a televisão, cuja produção e funcionamento eram bastante precários, arrebatou o público dos cinemas. Além das projeções de filmes nas salas de espetáculos cada vez mais numerosas, alguns longas-metragens em 16 mm foram produzidos no Paraná: o primeiro, em Siqueira Campos, por iniciativa de um grupo liderado pelo clero e outro, de distribuição nacional, denominado Maré Alta, produzido em 1967 pela Cinematográfica Guayra. Finalmente, Silvio Back, sucedendo pioneiros como Requião, Groff e Kosak, produziu Lance Maior em 1968, tornando-se um dos poucos cineastas brasileiros a atuar fora do eixo Rio - São

Paulo. A força da influência cultural emanada da capital e suas regiões circunvizinhas permaneciam, assim, como um dos fatores que trouxeram a continuidade das diferenças culturais que, no indício dos anos 70, ainda marcavam o cenário paranaense. Mesmo que as diversas ondas de povoamento hajam introduzido a integração de todo o território e propiciado diversos êxitos no campo econômico e político, e mesmo que se tenha formado um determinado tipo de sociedade e induzido a fundação de muitas cidades, a integração das diversas regiões ainda não se havia completado.

Ao buscar referências para conhecer e caracterizar a produção artística no referido período histórico, encontrou-se em Adalice Araujo (1980), um mapeamento desta produção. A autora faz uma análise a partir de fases, embora considere impossível estabelecer fases e datas rígidas, pois que estas freqüentemente se inter-relacionam. Porém, considera que isso seja necessário para maior objetivação. Duas fases elencadas pela autora ajudam na compreensão do objeto de estudo do presente trabalho. O “movimento de integração”, que vai da década de 40 até meados da década de 60, quando o Paraná integra-se ao modernismo, é a fase em que, segundo ela, gradativamente nosso Estado atualizou-se em face de uma realidade nacional e internacional. A “Contemporaneidade”, de meados da década de 60 até a década de 80, época em que a autora escreveu o texto, foi caracterizada por diversos fatores, entre os quais, os Encontros de Arte Moderna, que contribuíram para que, principalmente a partir de 1970, o Paraná se tornasse um centro de vanguarda. (1980, p. 16). Em 1970, dadas às facilidades de comunicação e à abertura lentamente preparada pelas gerações precedentes, verificou-se total “atualização” face às correntes internacionais mais contemporâneas, sem, contudo deixar de refletir uma problemática social bastante local. (ARAÚJO, 1980, p. 99).

Para pensar de forma mais aprofundada a questão da abstração encontrou-se referências em Camargo (2002, p.1). Segundo este autor, a produção artística no início dos anos 60 no Paraná foi marcada pela introdução e aceitação oficial das formas "abstratas" de expressão artística. Aceitação oficial entendida como o reconhecimento e premiação em mostras patrocinadas pelo governo, principalmente no Salão Paranaense de Belas Artes. Estreitamente ligada ao Salão Paranaense estava a Escola de Música e Belas Artes do Paraná, instância máxima no estabelecimento dos padrões de ensino e apreciação da arte no Estado. Camargo

procura entender o porquê das escolhas estéticas específicas feitas pelos artistas no final dos anos 1950 ao início dos 60, até que ponto essas escolhas foram devidas a movimentos propriamente internos ao campo artístico local, e qual foi o papel das instâncias políticas na validação social dessas escolhas. Empenha-se em compreender o vasto campo de relações de produção de que o próprio artista também é resultado, assim como a atuação das condições econômicas, políticas e sociais que agindo em conjunto com os produtores culturais, participam da constituição de um campo artístico específico.

Tais questões são relevantes para refletir com os estudantes sobre a complexa relação entre os fatores que definem a aceitação ou não de formas artísticas em diferentes épocas e lugares, bem como para aprofundar a compreensão da abstração como expressão artística, muitas vezes depreciada e citada pelos estudantes como “rabiscos” que qualquer um é capaz de fazer.

Para a compreensão de como os artistas plásticos se posicionaram frente ao poder repressivo do regime militar, os estudos de Freitas (2003) foram a principal referência. Conforme o autor, durante o Regime Militar brasileiro (1964-1985), a produção cultural do país mantém um diálogo próximo com os problemas sócio-políticos nacionais e mundiais, constituindo um excelente laboratório à pesquisa das relações entre arte e esfera pública. O campo artístico, sujeito às intensas transformações do período, que vão da censura à expansão da indústria cultural, passa a comportar algumas contradições: de um lado, autocentra-se ainda mais, com linguagens mais restritas e com o fortalecimento de suas instituições, e de outro, abre certos espaços à fusão entre a crítica política e o gesto antiinstitucional das vanguardas. Para Freitas, quanto a essa fusão, certos limites se impõem, uma vez que a possibilidade de intervenção social efetiva leva ao reforço de certas práticas transgressoras sob o ritual ainda artístico da contestação. Freitas se propõe caracterizar certas particularidades da contestação artística com base na análise de algumas obras que circularam no Salão Paranaense entre 1968 e 1973. Como referencial de análise, utiliza uma abordagem teórico-metodológica de ordem relacional, intermediária às questões da sociologia, da estética e da própria história da arte, abordagem que procura entender a obra de arte em suas interconexões com os demais aspectos da cultura, sobretudo com o da própria cultura artística. Caracteriza a situação brasileira nos anos sessenta e a situação paranaense nos

anos cinqüenta e sessenta. Analisa as obras escolhidas, premiadas ou selecionadas no Salão Paranaense e em torno das quais as demais fontes – textuais ou iconográficas – são articuladas sugerindo novas interpretações. A primeira obra analisada é Movimento Estudantil, de Antônio Manuel, vista à luz das neovanguardas e das manifestações sociais do tumultuado ano de 1968. As obras “Brasileira”, de Antonio Henrique Amaral, e “Objetos Caipiras”, de João Osório, são analisadas dentro de certas considerações sobre cultura artística e cultura de massa. As obras premiadas “Realmente”, de Danúbio Gonçalves, e “Ferro Fere”, de Carlos Zílio, que apresentam questões específicas à situação da arte em meio tanto a produtos midiáticos do milagre econômico, quanto às mazelas dos piores anos de repressão, contrapostas em suas contradições, condensam importantes limites históricos da contestação. Freitas conclui que a contestação, entendida como teatralização artística do gesto transgressor, consiste num dos efetivos limiares éticos do estético, uma vez que fora dos limites máximos impostos pelos rituais da contestação – onde a violência impera – de fato, não há arte.

Em relação à produção artística brasileira recorreu-se a Canongia (2005) e Reis (2006). Canongia realiza uma síntese das principais questões que nortearam a arte nessas décadas, fundamentais para a instauração do espírito contemporâneo. Faz um paralelo permanente entre os movimentos e rupturas ocorridos nos Estados Unidos e no Brasil, avaliando a ressonância da Pop Art da década de 1960 na arte brasileira, assim como inventaria os aspectos essenciais do experimentalismo que se firmou na década seguinte. A autora considera a arte norte-americana referência obrigatória para a produção que se desenvolveu no segundo pós-guerra, tendo a cidade de Nova York como pólo das principais ações culturais do mundo. Tem sempre como alvo a arte brasileira dos mesmos períodos, e de outras épocas quando o cruzamento se faz necessário.

Reis enfoca a relação entre a produção das artes plásticas e o contexto brasileiro após o Golpe Militar de março de 1964. Ao abordar experimentações artísticas e mostras realizadas no período, investiga as interseções entre arte e política, evidenciadas no posicionamento crítico dos artistas, nas proposições artísticas feitas pelas exposições de arte e num projeto de vanguarda nacional comprometida. Reis afirma que a questão da Vanguarda, debatida exaustivamente entre artistas plásticos e críticos de arte, é fundamental para a compreensão da arte

nos anos 60 no Brasil. Para ele, os programas de uma vanguarda de transformação política e de uma vanguarda experimental das artes plásticas estiveram muito próximos, devido ao contexto político do país, à efervescência da produção artística e à postura crítica dos artistas. Assinala que o momento político e social brasileiro da época requisitou uma resposta efetiva dos artistas em suas produções. Reis (2006, p. 7-8) reflete sobre a característica dos anos 60, como ela se formalizou no campo da cultura e quais os pressupostos para pensar globalmente sua produção cultural e artística. Analisa que as experimentações da vanguarda nas artes plásticas brasileiras estavam inseridas no diálogo com as movimentações artísticas internacionais e num quadro de resistência ao regime militar e que o debate cultural da época construiu-se no trânsito entre a ação artística e a ação política. Assim, no encontro desses dois territórios, fundou-se uma das discussões de base daquela década.

Através do estudo destes autores conseguiu-se ter uma visão do contexto histórico e cultural, das relações entre arte e política, dos embates e discussões na esfera artística e também mapear os artistas e conhecer suas produções.

ARTE PARANAENSE EM SALA DE AULA

A partir dos estudos realizados, prosseguiu-se o trabalho com a elaboração de material didático como um subsídio ao trabalho a ser desenvolvido junto aos estudantes.

Optou-se pela elaboração de uma Unidade Didática que é um material composto de um mesmo tema, contendo texto de fundamentação com as respectivas atividades a serem desenvolvidas.

Enfrentou-se o desafio de fazer escolhas entre tantas informações e de construir um material que cativasse os estudantes a conhecer, refletir e também produzir trabalhos artísticos a partir da arte paranaense. Este material precisava ser uma síntese dos estudos realizados e serem tratados dentro das perspectivas da abordagem da arte nas Diretrizes Curriculares.

As Artes Visuais foram o principal enfoque. O material foi estruturado de forma que num primeiro momento provocasse a discussão sobre o tema e permitisse um levantamento de dados a respeito do que os estudantes conheciam sobre a arte paranaense. Seguiu-se com a proposta de estudo para conhecer sobre as décadas de 60-70. Explicitou-se que se iria refletir sobre o contexto histórico e cultural, as relações entre arte e política, os embates entre “acadêmicos” e “modernos”, a introdução e a aceitação oficial da abstração como forma de expressão artística, as mudanças e os rumos que as artes visuais tomaram.

O primeiro tópico estudado foi o das relações entre arte e política. Referenciou-se nos estudos de Freitas (2003), propondo-se a leitura de imagem da obra *Movimento estudantil*, de Antônio Manuel, e a observação de imagem registrada em 1968 e divulgada em jornal da época, mostrando a morte do estudante secundarista Édson Luís, assassinado pela polícia carioca durante uma passeata. Propôs-se a leitura de um texto sobre o artista Antônio Manuel e sobre a sua experiência com a ditadura militar. Também para a compreensão do contexto histórico e cultural trabalhou-se com a leitura de outras imagens relacionadas ao período, incluindo reproduções fotográficas e de obras de arte, e a leitura de texto baseado nos autores estudados, onde além da relação arte e política discutiram-se as outras questões apresentadas anteriormente. As leituras foram acompanhadas com reflexões individuais ou em grupo. Partiu-se para o estudo de alguns artistas que ilustram as tendências da produção artística da época: João Osório Brzezinski, como um artista investigador, experimental, e o uso que fez das colagens e do objeto, do figurativo e do abstrato; Antonio Arney, explorando o aproveitamento de materiais descartáveis e sucata; Fernando Velloso e Domício Pedroso, com seus processos de criação na abstração; Mário Rubinski, e seu processo de simplificação e geometrização das formas e ênfase para o simbólico. Após o estudo de cada artista, oportunizou-se a realização de produções artísticas a partir das características compositivas dos mesmos. Como atividade final, propôs-se o estudo de outros artistas paranaenses através de atividade em grupos, envolvendo: pesquisa, produção artística, apresentação dos trabalhos, exposição e auto-avaliação da atividade pelas equipes.

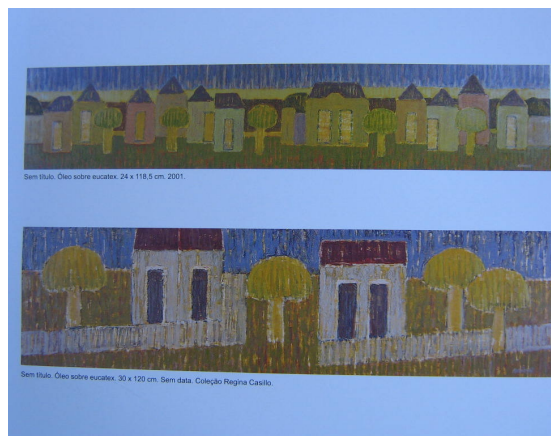
Algumas das imagens utilizadas:



BRZEZINSKI, J. O. **Figuração dum passado**. 1967/1992. 1 reprodução de arte. color., 140 x 120 cm, em papel. In: CASILLO, R. e B. C. **Pintores Contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Solar do Rosário, 2002. p. 53.



PEDROSO, D. **Favela**. 1970. 1 reprodução de arte. color., 90 x 130 cm, em papel. In CASILLO, R. e B. C. **Pintores Contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Solar do Rosário, 2002. p.22.



RUBINSKI, M. **Sem título**. 2001. 1 reprodução de arte, color., 24 x 118,5 cm, em papel. In CASILLO, R. e B. C. **Pintores Contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Solar do Rosário, 2002. p. 97.

RUBINSKI, M. **Sem título**. Sem data. 1 reprodução de arte. color., 30 x 120 cm, em papel. In CASILLO, R. e B. C. **Pintores Contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Solar do Rosário, 2002. p. 97.

Procurou-se com o material contribuir para a construção e re-significação do conhecimento, produzindo novas maneiras de perceber e interpretar a arte paranaense.

Após a elaboração do material didático, passou-se à implementação do projeto na escola. Apresentou-se o projeto e o material didático para a Direção e a Coordenação Pedagógica, e foi deixada uma cópia de ambos para facilitar o acompanhamento. Para os professores, a apresentação realizou-se em Reunião Pedagógica e para os estudantes, em sala de aula no período normal.

Verificou-se a possibilidade de reproduzir o material didático para ser utilizado com os estudantes. Por ser uma unidade didática, considerou-se importante utilizá-la como tal. Com o apoio da Direção e da Coordenação do PDE no NRE, conseguiu-se 20 cópias encadernadas para serem compartilhadas pelas 5 turmas. Com os estudantes organizou-se a utilização do material em duplas e discutiu-se a importância de se ter o material para melhor aproveitamento do tempo de aula, já tão reduzido. O uso de material coletivo foi uma experiência importante, possibilitando a reflexão sobre a responsabilidade de todos quanto à sua utilização. Os estudantes foram se acostumando à distribuição, uso e recolhimento do mesmo, embora tenha se observado a omissão de alguns poucos em colaborar.

Com a aplicação do material, foi possível levantar dados e trocar experiências em relação ao conteúdo proposto, ficando evidenciado que na escola o mesmo tem sido pouco trabalhado. Num primeiro momento, muitos estudantes disseram que não sabiam nada, que não conheciam a arte aqui produzida, mas aos poucos começaram a lembrar de alguns nomes. Colocaram que conhecem da arte paranaense principalmente atores que estão na mídia e na música, citando várias duplas sertanejas e algumas bandas. Alguns artistas plásticos foram mencionados. Os estudantes comentaram sobre pessoas com quem tiveram contato e que trabalham com alguma forma de arte.

Como o material propõe leitura e reflexões em grupo, foi preciso trabalhar a importância de saber ouvir, desafiando-os a este exercício tão necessário num espaço coletivo. Necessário também, cativar os estudantes para o estudo. Na

disciplina de arte parece que leitura ou reflexão não são expectativas de trabalho dos estudantes. Foi preciso chamar a atenção para a necessidade do conhecimento como subsídio indispensável para o fazer.

A utilização do material permitiu refletir sobre a arte enquanto um fazer humano fruto de um contexto histórico e cultural e assim pensar conceitos importantes a respeito da arte, quem influencia ou determina a aceitação e valorização de formas artísticas, as diversas tendências e as influências entre as culturas de diferentes lugares. Nas atividades práticas, a vivência de processos de criação desafiou os estudantes na construção individual e coletiva de formas artísticas. Explorou-se, a partir de artistas paranaenses, a arte de conteúdo político-social, a abstração, a experimentação de materiais, o objeto, a simplificação das formas na composição. Também foi possível abordar os processos de criação dos artistas, suas preocupações, estudos, desafios, suas trajetórias.

Produção realizada após leitura de textos e imagens e de reflexão sobre o período estudado e que mostra a compreensão do estudante sobre o conteúdo:



PRODUÇÃO ARTÍSTICA: Luiz G.

Após o estudo de João Osório como um artista investigador, experimental, que fez uso de colagens e explorou o objeto, e do artista Antonio Arney, que aproveitou materiais descartáveis e sucata em sua obra, propôs-se a realização de produções artísticas a partir de pesquisa e escolha de materiais presentes no cotidiano. O esporte, a dança e a informática foram temas trabalhados. Alguns estudantes experimentaram materiais diferenciados e o objeto.



PRODUÇÃO ARTÍSTICA: Bárbara

A partir do estudo do processo de criação dos artistas Fernando Velloso e Domício Pedroso, caracterizado pela busca da abstração, propôs-se atividade de descrição da paisagem do entorno e escolha de um dos elementos que a caracterizava. Escolhido um elemento, procedeu-se ao desenvolvimento de uma composição, simplificando a forma, explorando o ritmo das linhas e cores em uma construção abstrata. Observou-se que foi uma atividade desafiadora, exigindo esforço para se afastar da figuração. Exercício importante para compreender a abstração.



PRODUÇÃO ARTÍSTICA: Naira

Depois de analisar algumas obras de Mário Rubinski e seu processo de simplificação e geometrização das formas e ênfase para o simbólico, apresentou-se como atividade a realização de uma composição a partir dos elementos presentes na obra do pintor, explorando o próprio gosto no uso das cores. A atividade permitiu observar e exercitar a organização dos elementos no espaço, a estrutura da composição.



PRODUÇÃO ARTÍSTICA: Larissa

Para finalizar, com o intuito de ampliar o conhecimento da arte paranaense, organizou-se atividade em grupo com a proposta de: pesquisa sobre a vida e a obra de um artista, produção artística a partir das características compositivas do artista estudado, apresentação e exposição dos trabalhos e auto-avaliação das equipes do processo vivenciado. Além de artistas do período em foco, estendeu-se a pesquisa para artistas de épocas anteriores e contemporâneos. Apresentou-se reproduções de obras e as equipes optaram. Foram estudados: Miguel Bakun, Fernando Calderari, Paul Garfunkel, Violeta Franco, Guido Viaro, Alfredo Andersen, Poty Lazzarotto, Theodoro De Bona, Orlando Azevedo, Dani Henning, Rogério Dias, Lu Franco, Ida Hannemann e Mari Inês Piekas.



PRODUÇÃO ARTÍSTICA: Maria A., Francieli, Jéssica, Guilherme T.



PRODUÇÃO ARTÍSTICA: Indianara, Priscieli, Tayná



PRODUÇÃO ARTÍSTICA: Naira, Bruna M.,
Aline, Ana C.

A atividade permitiu o contato com a produção de vários artistas, possibilitando conhecer diferentes formas de trabalhar com a imagem. O trabalho em grupo proporcionou a troca de idéias, o planejamento, a organização. Também ocasionou dificuldades como à de aceitar a idéia do outro ou a omissão de alguns. A apresentação para alguns requereu esforço. A exposição dos trabalhos contribuiu para partilhar o aprendizado.

O material didático ajudou na construção do conhecimento de forma mais concreta e organizada.

No Grupo de Trabalho em Rede (GTR) os professores salientaram a importância do material pelo conteúdo que precisa ter mais visibilidade e que é pouco trabalhado e pela própria ausência de material para ser utilizado.

Uma das atividades centrais do projeto foi a programação de visitas ao Museu Oscar Niemeyer. As visitas foram realizadas nos meses de abril, maio e junho, e foram organizadas com o enfrentamento de algumas dificuldades, como a locação de transporte, o fato de alguns estudantes não participarem por motivos como trabalho, outras atividades ou desinteresse, e também devido ao fato de as visitas ocorrerem no contra turno. Surgiu a necessidade de lanche para alguns estudantes, de autorização para poderem utilizar o transporte escolar à tarde e de auxílio financeiro em alguns casos. A escola se dispôs a ajudar naquilo que estava ao seu alcance.

Apesar das dificuldades e do tempo que exige a organização, considera-se imprescindível a visita ao museu como atividade complementar ao trabalho de sala de aula. Ela aproxima o que é trabalhado na escola com a realidade da Arte e, naquele espaço, percebe-se o quanto se tem para aprender no universo da arte. Os conteúdos da escola ali tem sentido e em sala fica mais concreta a necessidade de trabalhar com eles.

Após as visitas, foi proposto um relato da experiência, onde se teve a confirmação do valor que essa atividade tem para a aprendizagem em arte. Na impossibilidade de mostrar todos, exemplifica-se com alguns trechos o pensamento de alguns estudantes, mas ressalta-se que não houve relatos que não tenham valorizado a atividade. Os textos foram mantidos na forma escrita pelos estudantes. Foram agrupados a partir de aspectos considerados relevantes.

Algo que ficou evidente é a mudança em relação à idéia que faziam de museu enquanto instituição:

Na visita ao Museu, mudou completamente o meu ponto de vista, pois tinha aquela idéia que o museu era uma coisa antiga e que só tinha coisas do tempo em que Cabral descobriu o Brasil. Mas o Museu Oscar Niemeyer é diferente, é moderno e criativo. As obras são magníficas que nos

contagiam. Os quadros, as esculturas são maravilhosas sem falar da estrutura. Tudo lá é encantador. Quando você sai da vontade de voltar lá. Aline

Antes de ir lá, eu tinha uma idéia completamente diferente. Achava que lá só veria quadros e não aprenderia nada... Saí do Museu com novas idéias, totalmente diferente de quando entrei, achei que valeu muito a pena, adorei. Estefani

Antes de ir ao Museu eu achava que não tinha nada de interessante. Mas depois que fomos à expectativa mudou e lá tem muitas obras e esculturas muito bonitas que podem ser apreciadas... O Museu também é um lugar para se aprender e saber se comportar diante de obras de arte inestimáveis. Gabriel

Muitas pessoas enxergam o museu como um lugar em que se guardam coisas velhas, mas há muito mais do que isso, por trás de grandes telas cobertas de tintas e cores que parecem se entrelaçar, elas nos contam histórias... Em nossa ida ao museu meu conceito sobre ele mudou, pois quando nos concentramos em um quadro parece até desenho animado, eles realmente falam conosco. Bruna

Na questão da aprendizagem, observou-se comentários relacionados à percepção do processo de criação e intenções do artista:

A visita ao Museu Oscar Niemeyer foi uma experiência interessante. Nunca tinha visto obras de arte conhecidas pessoalmente. Cada obra diz algo diferente e cada vez mais interessante. Algumas têm mistério, outras humor e algumas até dão um pouco de horror. Algumas profundidade, ilusão. Cada vez que você vê uma obra, você reflete mais e pensa de como seria estar ali dentro da tela? Ou até como o artista estava pensando no momento de pintar a tela? Kimberly

Apreciar uma obra de arte não é só ver o que ela mostra, mas sentir o sentimento do autor, tentar interpretar o sentimento da obra, do quadro, saber o que o autor quer nos passar através de sua obra. Tatiana

São quadros que nos mostram o agora e o antes dos séculos com retratos, paisagens, etc.... Ao longo do Museu temos a idéia que os artistas tinham de suas épocas, do que pensavam e do que sentiam em relação à vida. Clayton

Alguns descreveram sobre detalhes técnicos das obras:

Foi muito legal, por que nós vimos o lado da arte, conhecemos um pouco dos artistas, sobre a vida deles, como fizeram os quadros, as técnicas que eles usaram etc. O que mais me chamou a atenção foi o quadro que foi feito por um pincel com apenas 1 pelo e parecia real, com sombra e tudo. E o quadro media aproximadamente 10 cm. Lyandra

Chegando lá fomos acompanhados por um Monitor. Ele nos falou de várias obras, algumas brasileiras e outras não, de vários tamanhos, formas e gêneros, quase todas bem antigas. Fábio

O Museu nos mostra vários tipos de artes curiosas, como as pinturas sobre peças de motores de carros, tipos de arte que eu não conhecia e me deixaram interessado por aquilo, a forma como eles trabalham com as pinturas, quadros, ímãs, entre outros muitos. Nícolas

Que obra mais interessante! A caixa de sabonete na mão de um artista virou um pequeno vilarejo com pessoas e até cachoeiras. Tatiane F.

Houve comentários sobre a arquitetura do Museu e sobre o Oscar Niemeyer:

O próprio Museu é uma obra de arte, cada canto um detalhe especial, detalhes importantes, para que cada visitante não se esqueça de cada passo que deu no museu. Dhiéssika.

...O que eu não sabia era a história daquele chamado “OLHO”, que é bem interessante, é mais ou menos assim: Oscar Niemeyer é um arquiteto de cento e poucos anos... tem o corpo feminino como referência para suas obras. No “olho” existe uma imagem de uma bailarina dançando com fitas; a parte que sustenta o “olho” seria o corpo da mulher, o “olho” sua cabeça e as passarelas seriam as fitas ou os braços, não lembro direito qual dos dois era. Naira

Fiquei impressionada com o vidro que dava para ver as maquetes embaixo, fiquei com medo que caísse. Gostei muito do olho, foi o que mais me chamou a atenção e também do espelho d’água... Gostei do túnel para ter acesso ao olho, ele parecia se baixo, mas era muito alto. Thais R.

Chegando lá, tivemos um bom atendimento pelo guia. Eu aprendi muita coisa sobre as obras, as esculturas que tinha lá. Também aprendi que Oscar Niemeyer gostava de fazer com que as pessoas ficassem impressionadas e cheias de idéias... Foi bem interessante e acho que irá ajudar na matéria de Artes. Luiz G.

Alguns registraram sobre os cuidados necessários durante a visita:

...entramos no museu e logo recebemos instruções para melhor conservação das obras... O museu é enorme, existem alas que não se pode nem tirar fotos. É proibido tirar fotos exclusivas das imagens, ou das esculturas. Alexsandro.

Antes de entrar no museu o instrutor nos falou que não poderíamos tocar nas telas, tirar fotos que tinham flash, por que pode danificar a obra... falou também que não poderíamos tirar foto de apenas uma obra, teria que ser de duas obras ou com alguma pessoa junto a obra... Naira

Uma das mostras visitadas foi o Acervo do Museu, onde algumas das obras que são trabalhadas no material didático estavam expostas, além de obras de outros artistas paranaenses. Comentários em relação à arte paranaense:

Visitamos o “olho”, uma sala onde é muito interessante. Tinha uma obra lá em exposição que era de um artista piraquarense. A obra tinha um significado de pobres e ricos. Eu gostei muito do lugar. Vimos muitas coisas que eu nunca tinha visto. André

A visita ao Museu foi muito boa, pois conheci várias idéias e formas diferentes do artista se expressar... Conheci vários artistas paranaenses muito bons. Daiana

A visita ao Museu foi muito importante para mim, pois aprendi muitas coisas sobre os artistas paranaenses e de outros Estados. Eduardo

A visita ao Museu foi muito legal e bem instrutiva, deu para entender mais sobre a arte paranaense, e o que foi melhor é que não houve nenhum problema grave e a turma soube se comportar. Leandro

Há pouco tempo havia falado que não conhecia nenhuma arte no Paraná, agora já posso dizer que conheço, muitas obras estão expostas aqui. Hillery

Um passeio onde aprendi muito sobre as histórias da cultura paranaense, o que eu não sabia quase nada. O passeio me deu oportunidade de visitar as obras que eu sempre tive vontade de ver. Tatiane F.

Alguns comentários em relação a outras exposições explicitam o alcance e a oportunidade de conhecimento que a visita ao museu possibilita:

Foi legal, conheci obras que nunca tinha visto antes, como Van Gogh, Claude Monet, etc. O que mais gostei foi das pinturas cinéticas, por que dava a impressão de estar vivo, sair do lugar, se mexer, algo incomum... Bruna L.

Uma exposição que era muito bonita: "Paisagens: Entornos e Retornos" veio direta do México e vai ficar em exposição somente em Curitiba. Mostra como a natureza serviu de inspiração para pintores famosos como Van Gogh, Monet e Renoir. Mayara E.

Vou começar falando da parte que eu mais gostei que foi a exposição na qual estavam os Auto Cromos criados pelos irmãos Lumière. Achei muito interessante, pois já havia ouvido falar um pouco sobre eles. Eu já sabia que eles haviam criado o cinema, o que me deixou mais encantada a cada descoberta. Valéria

Obras de vários pintores famosos estavam em exposição. São eles: Van Gogh, Candido Portinari, Claude Monet, Pierre Auguste Renoir, Camille Carot, Tarsila do Amaral e outros. E nesse ano a França trouxe suas obras maravilhosas para o Brasil. Maiara S.

Em relação à visita vários depoimentos registram o quanto foi marcante e significativa esta atividade:

A visita ao Museu foi muito legal, eu gostei por que foi uma aula diferente. Eu vi muitos quadros um mais lindo do que outro... Foi muito bom conhecer mais sobre Arte. Nunca vou esquecer este dia. Beatriz

Minha visita ao Oscar Niemeyer foi ótima. Para começar foi a primeira vez que eu fui no museu, essa experiência eu nunca vou esquecer na minha vida. E fora que eu conheci várias obras que eu não sonhava conhecer. Luiz H.

Bom, a minha experiência no Museu foi bacana, estive com a arte na minha frente... Os quadros tinham todos uma história, uma mais diferente e legal que a outra, história que para quem olha apenas um quadro não imagina. Dhiéssika

Para mim foi muito legal por que eu nunca tinha ido ao Museu e foi inesquecível. Lá pude conhecer vários quadros de pintores famosos, esculturas e o Museu que é muito legal. Paula

Gostei muito de ter ido ao museu, aprendi sobre os artistas que não conhecia. Espero ter mais chance de ir ao museu e também em outros para conhecer sobre a nossa cultura. Thais R.

Espero que possa voltar ao museu e aproveitar mais, poder sentir novamente a experiência de estar em um lugar tão agradável e que tem muito a nos mostrar. Luane

Nos relatos da visita, ficou claro o entusiasmo e o despertar para a importância da freqüentação quando muitos registraram a vontade de voltar outras vezes. Importante ressaltar o trabalho da Ação Educativa do Museu. A acolhida, onde são dadas as orientações para a visita, que contribuem para a compreensão dos cuidados necessários e a monitoria com o trabalho de informação e formação que tornam a visita um momento importante de aprendizagem. Os estudantes em diversos relatos mencionaram a atenção e as explicações dos monitores.

Ter 25% da carga horária disponível para o desenvolvimento desta proposta integrante das atividades do PDE foi um fator determinante para conseguir viabilizar as visitas. Importantes também foram a convivência, a aproximação do grupo e a experiência de organização da atividade de forma coletiva.

Em uma das visitas foi recebido do Setor Educativo do Museu o material de apoio pedagógico referente à mostra Diálogos de um Acervo – Museu na Escola. Este material é composto por imagens da arte produzidas em pranchas (100 reproduções). As obras integram o acervo da Fundação Cultural de Curitiba. A doação é de grande valor para o trabalho em sala de aula.

Outra questão que se propôs a refletir foi a possibilidade de estender, dentro do possível, as atividades às outras áreas da Arte. Obteve-se informações no decorrer da pesquisa e levantou-se dados em relação ao que os estudantes conheciam nas diversas formas artísticas, mas não foi possível dentro do prazo disponível organizar atividades. Incluir conteúdos das demais formas artísticas é algo que precisa ser refletido, juntamente com questões como a formação, a ampliação da carga horária para a disciplina e outras mais amplas, como a redução do número de estudantes por turma. Não se tem dúvida quanto à necessidade e importância do contato e aprendizagem de todas as formas artísticas, mas dentro das condições atuais considera-se este um desafio.

Quanto à possibilidade de trabalho com professores de outras disciplinas: História e Língua Portuguesa houve uma pequena aproximação com a disciplina de História, mas o trabalho interdisciplinar precisa de mais discussão no espaço escolar. Neste projeto ele foi colocado como uma possibilidade, apesar de se ter

claro que seria uma tentativa. Apesar de terem pontos de encontro em relação aos conteúdos, não coincidiam na seqüência para serem trabalhados.

Para finalizar, foi pedido aos estudantes que avaliassem a compreensão que têm da arte paranaense após os estudos realizados e analisassem o material didático como apoio ao trabalho de sala de aula, assim como as atividades realizadas.

As respostas assinalam a ampliação do conhecimento e a valorização da arte aqui produzida. O material didático foi apontado como instrumento importante para a compreensão do conteúdo, também facilitando a proposição das atividades. Mencionam que as atividades envolvendo textos, imagens e produções artísticas contribuíram para a aprendizagem. Alguns relatos relacionados à compreensão da arte paranaense:

Eu acho que a arte no Paraná ajudou a desenvolver o Estado tanto nas formas quanto para a consciência dos paranaenses. Keurnyn.

Que a arte paranaense é muito maior e bem mais importante que todos pensavam... Leandro

Após esses estudos percebi que a arte paranaense é bastante complexa, os artistas utilizam várias formas de se expressar. Arte com bastante qualidade. Os artistas paranaenses tiveram inspiração de tudo quanto é lugar, muito nas coisas simples e outras nas mais sofisticadas. Allan

É muito interessante, pois não conhecia muita coisa e agora já conheço a história, as origens de muitas obras e muitos artistas que antes não conhecia. Luane

Algumas análises do material didático utilizado, que foi chamado de “apostila”:

Na minha opinião a apostila serviu como um auxílio, uma forma melhor de compreender muitas coisas e conhecer artistas que nós não conhecíamos. Keyrin

Eu acho que a apostila ajudou muito no desenvolvimento das aulas. Os textos da apostila ajudaram a desenvolver mais trabalhos práticos e nos dão uma idéia mais ampla dos artistas. Isabela G.

Serviu para entender quais são os tipos de artes existentes, entender também sobre a vida dos artistas, etc. Alisson

Com a apostila o nosso trabalho fica melhor e bem mais fácil de trabalhar. Clayton

A apostila mostra bastante os trabalhos de artistas paranaenses e as atividades propostas também nos ajudam a pensar e aprender mais sobre eles. Eduardo

A apostila é uma nova fonte de aprendizado para os alunos, as atividades propostas em sala fazem com que enxerguemos com outros olhos a arte paranaense.. Dhiéssika

As colocações dos estudantes revelam que o trabalho desenvolvido ajudou a produzir novas maneiras de perceber e interpretar a arte paranaense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar em qualidade na educação escolar, uma das questões é a formação continuada do profissional que nela atua. Neste sentido, ao refletir sobre a experiência do PDE, cabe ressaltar a sua importância e seu lado inovador ao permitir o tempo integral de afastamento de sala de aula para que o profissional tenha condições de se dedicar ao estudo, mas ao mesmo tempo estar voltado para a sua prática escolar. O contato ou retorno às Instituições de Ensino Superior, a elaboração de um projeto, a pesquisa, a construção de material didático, a implementação na escola, o grupo de trabalho em rede, enfim todas essas ações em seu conjunto, apesar de desafiadoras, contribuíram para o crescimento, atualização e incentivo à formação continuada.

A possibilidade de escolher o objeto de estudo veio atender à necessidade de aprofundamento de um dos conteúdos a serem trabalhados na disciplina. O trabalho de pesquisa, ao mesmo tempo em que é desafiador, torna-se prazeroso no momento em que vai preenchendo lacunas de um conhecimento desejado e necessário. No caminho que vai sendo percorrido, as escolhas realizadas vão delineando e dando corpo às informações, transformando-as em algo novo para quem as está construindo. E o resultado, mesmo pequeno no universo do conhecimento, torna-se grande para quem nele está envolvido. Estudar, pesquisar, aprofundar o conhecimento sobre a arte paranaense, trouxe algo que faltava. Em relação aos estudantes, o prazer, a alegria em conhecer, o esforço que se torna gratificante quando se compreende o crescimento que nos possibilita enquanto seres humanos é algo a ser conquistado no espaço escolar.

A experiência de ser professor pesquisador mostra a escola como um espaço com muitas necessidades e ao mesmo tempo com possibilidades de estudo e ação. Aponta também para uma realidade com um grande número de estudantes por turma e o número de aulas reduzido na disciplina, questões que interferem na busca de qualidade na educação.

Em relação ao conteúdo específico da Arte Paranaense, constatou-se, junto aos estudantes e outros profissionais da disciplina, que é um conteúdo pouco trabalhado e se desconhece materiais para auxiliar no trabalho pedagógico.

Um aspecto importante que precisa ser destacado é a questão da visita a espaços expositivos, onde as visitas realizadas vieram a reforçar a importância dessa atividade, imprescindível para o aprendizado em arte.

Nas ações realizadas, contou-se com o apoio da Direção e da Coordenação Pedagógica e de pessoas do setor administrativo. Em todo o processo vale ressaltar que a idéia da colaboração, da troca de experiência e do pensar a escola como um espaço coletivo exige esforço e vontade de enfrentar este desafio.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adalice. **Referência em planejamento**: Arte no Paraná I. Curitiba, Secretaria de Estado de Planejamento, v. 3 - nº. 12 - janeiro/março, 1980.

BORGES, Eliana. **Arte em seu Estado**: história das artes plásticas paranaense – vol. I e II. Curitiba: Meduza, 2008.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. **Escolhas Abstratas**. Arte e Política no Paraná (1950 – 1962). Curitiba: UFPR, 2002.

CANONGIA, Ligia. **O legado dos anos 60 e 70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.

CASILLO, R. de B. C. **Pintores Contemporâneos do Paraná**. Curitiba: Editora Solar do Rosário, v. 2, 2002.

FREITAS, Artur. **Arte e Contestação**. Uma interpretação relacional das Artes Plásticas nos anos de chumbo – 1968 – 1973. Curitiba: UFPR, 2003.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica**. Curitiba: SEED-PR, 2008.

REIS, Paulo R. O. **Arte de vanguarda no Brasil: os anos 60**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.